

## MINISTRO FERNANDO HADDAD

### Abertura do Fórum Empresarial dos BRICS

(22/08/23)

Gostaria de saudar todos os delegados aqui presentes. Saudar os amigos, os países amigos dos Brics, que acompanham o nosso trabalho, e saudar, especialmente, os nossos anfitriões da África do Sul, que nos recebem com tanta hospitalidade neste momento. É um prazer muito grande representar o Brasil e, particularmente, falar sobre as perspectivas econômicas e sociais de um ponto de vista da América do Sul e do Brasil, em particular.

Como todos sabem, o Brasil está sob nova administração. Pela terceira vez, o presidente Lula ganha um mandato. Ele, que governou o Brasil entre 2003 e 2010, e volta à presidência da República ao vencer as eleições do ano passado, de 2022. Portanto, nós estamos, neste momento, no oitavo mês de governo. Mas, apesar disso, apesar do período ainda breve de governo, nós conseguimos promover algumas realizações importantes no Brasil.

A primeira delas foi aprovar, na Câmara dos Deputados, uma ampla reforma tributária, que era um dos principais gargalos da economia brasileira já havia muito tempo. O Brasil ansiava uma racionalização do seu sistema tributário, que afastava investidores estrangeiros diante da complexidade de um país federativo em que cada estado tinha uma legislação própria e nem sempre coerente com os demais estados da Federação. A partir de um amplo acordo com os governadores, com a Câmara dos Deputados, com Senado Federal, foi possível fazer o primeiro teste do novo sistema tributário, que agora se encontra no Senado para a finalização do texto que será promulgado ainda esse ano.

O segundo aspecto muito importante que dialoga diretamente com os anseios desse Fórum foi justamente a reorientação da política ecológica brasileira. O Brasil se distanciou muito dos objetivos firmados nos fóruns internacionais a respeito da mudança climática, e o presidente Lula, não só, pela sua própria voz, mas pela nomeação da ministra Marina Silva para o Ministério do Meio Ambiente sinalizou, a partir do primeiro dia do seu mandato, uma total reorientação de prioridades em torno da mudança climática que, como todos sabemos, é um desafio global da maior importância. O Brasil sempre acreditou em energia limpa. O Brasil é um campeão da energia limpa. Nossa matriz energética é 90% limpa, composta de energia hidrelétrica, energia solar, energia eólica, e todos os investimentos feitos, desde há muito tempo, na questão dos biocombustíveis. O Brasil está

co-processando o diesel. Biodiesel com diesel fóssil. O Brasil está produzindo diesel verde, o Brasil está produzindo biodiesel. O Brasil começa a produzir hidrogênio verde numa escala considerável tanto a partir da água quanto a partir do etanol que é rico em hidrogênio.

Há uma participação grande das universidades brasileiras em proveito de tecnologias voltadas para mudança climática. A nossa agricultura não está só produzindo alimentos, nem só produzindo grãos que são exportados para o mundo todo. A nossa agricultura hoje está produzindo energia, e o Brasil pretende ser fonte de energia limpa para si próprio, porque é um país que pretende se reindustrializar, ou se neoindustrializar, mas também é um país que pretende exportar energia limpa para o mundo na forma de energia propriamente dita, mas também na forma de exportação de produtos verdes. O Brasil quer ser uma base uma plataforma de exportação de aço verde, de alumínio verde e de muitos produtos que, para que sejam manufaturados, precisam de energia limpa.

Nós temos três vezes mais energia limpa do que a média mundial, e a América do Sul em particular tem cinco vezes mais terras raras voltadas para mudança climática do que a média mundial. A América do Sul é rica em todos os minerais necessários para a promoção de uma transição ecológica sustentável e rápida a partir das exigências globais e das metas estabelecidas nos diversos fóruns internacionais.

Eu penso sinceramente que África e América do Sul podem ser plataformas para a diversificação das atividades industriais globais. O mundo vive um retrocesso do ponto de vista da globalização, mas isso pode significar um movimento de diversificação e pulverização das plantas industriais oferecendo para os nossos povos salários e emprego mais dignos e qualificados para que as oportunidades sejam distribuídas mais equanimemente pelo globo terrestre. Não há necessidade de concentrar toda a produção em poucos estados nacionais. Até para valorização das soberanias nacionais e da diversidade cultural, que é um valor intrínseco aos Brics, é importante que haja uma diversificação e uma pulverização das atividades industriais pela segurança do planeta e pela melhoria das condições de sustentabilidade. Eu penso que os desafios se acumularam por várias razões.

Desde a crise financeira de 2008, nós estamos assistindo a uma sobreposição de problemas que não pararam de ocorrer. Tivemos a crise 2008, tivemos a pandemia, estamos enfrentando problemas localizados em vários blocos econômicos, a desaceleração de um lado a inflação alta de outro, e a crise sistêmica que se anuncia num terceiro bloco, e isso inspira muitos cuidados, sobretudo para os países em desenvolvimento, que muitas vezes sofrem os efeitos mais agudos dessas crises sistêmicas.

Então, é hora, não apenas de pensar no plano doméstico, e o Brasil tem procurado fazer as tarefas que lhe cabem para colocar a sua economia como receptadora de investimentos estrangeiros e desenvolvimento sustentável, mas também olhar para o plano Internacional. É nesse aspecto que eu penso que os Brics têm uma contribuição inestimável a oferecer. Nós brasileiros acreditamos no multilateralismo. Nós, brasileiros, acreditamos na diversidade cultural. Nós, brasileiros acreditamos que as oportunidades têm que ser melhor distribuídas pelo planeta. Nós, brasileiros, acreditamos que os organismos internacionais precisam, de alguma forma, refletir esse novo contexto global, em que potências emergem, em que países se desenvolvem e que modificam a face do planeta à luz da dinâmica econômica, social e política que atinge todo o globo. É, portanto, importante que os Brics se unam em proveito desses valores comuns. O valor da liberdade, o valor da soberania nacional, o valor do mundo equilibrado, e o mundo onde não há donos, mas povos soberanos, um mundo que busca oportunidades para toda a sua gente, sem nenhum tipo de distinção de raça, de etnia, de gênero, de nacionalidade, de religião e assim por diante. Nós acreditamos que os Brics têm uma grande contribuição a dar. Brasil, África do Sul, Índia e Rússia podem, cada um a partir da sua perspectiva, oferecer ao mundo uma visão, que seja coerente com os seus propósitos e que não signifique nenhum tipo de antagonismo a outros fóruns importantes dos quais nós mesmos participamos.

Muito obrigado, uma saudação desde o Brasil.